

LEITURA DINÂMICA

Otimista, o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, acha que 1990 não foi um ano ruim e que o próximo também não o será. "Começaremos a ver a luz no fim do túnel até o final de 91", ele diz. O principal, em sua opinião, continua sendo a queda da inflação, objetivo diante

do qual o governo não deve recuar ao encontro da primeira dificuldade. Na página seguinte, o contribuinte é o alvo de uma nova mordida que os governos federal, estadual e municipal preparam para o próximo ano. Saiu o selo-pedágio, mas entrou a Taxa de Conservação Rodoviária, que

será cobrada sobre os combustíveis. No plano estadual, o IPVA cobrado dos proprietários de carros novos chegará a 4% e, no município, o IPTU deverá tirar 50% mais do contribuinte, em relação ao que foi cobrado no ano passado. E, ainda, a pressa de Zélia na luta contra os cartéis.

Dificuldades ainda continuam, diz Eris.

FÁBIO PAHIM JR.

"Não faltam meios para que a economia volte a crescer. Conversões de dívida externa, liberações mais rápidas de cruzados, o governo tem meios para estimular o setor privado. Mas não podemos, na primeira dificuldade, interromper um processo de estabilização que pode funcionar. Em nove meses, tivemos três ondas de queda da inflação — em março, em julho/agosto e agora. Antes de março, nós dizíamos que era preciso acabar com a inflação custe o que custar. É melhor sofrer por alguns meses e depois entrar numa fase de crescimento auto-sustentado do que tentar recuperar a economia já", disse ontem à tarde ao JT, em seu apartamento no bairro de Moema, o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris.

— Pode-se desejar um feliz 91 ou só um feliz 92?

— Foi um feliz 90 — responde Eris. Demos passos na direção certa. O início de 91 será de transição e dificuldades. Mas, com um pouco menos de falta de sorte, poderemos concluir os primeiros passos até o meio do ano. Tenho certeza de que será um feliz 91. Espero que até o final de 91 possamos ver a luz no fim do túnel. A miséria e as desigualdades levarão anos para ser eliminadas, mas acabar com a inflação é o primeiro passo. Esta é a pré-condição.

Liberação garantida

O presidente do BC não pro-

Eris prevê dificuldades, mas espera ver no próximo ano a luz no fim do túnel: "Foi um feliz 90 e será um feliz 91."



Arquivo/AE

Fim de ano

Algumas previsões para este fim de ano foram feitas por Eris:

1) as reservas cambiais voltarão a subir em dezembro — depois de terem chegado a US\$ 8,1 bilhões em outubro e caído abaixo dos US\$ 8 bilhões em novembro, conforme números ainda não divulgados;

mete novas liberações de cruzados novos — salvo para privatizações, como anunciou neste final de semana o secretário Antonio Kandir.

Mas o impacto das liberações foi bom? "O impacto foi tão bom que gerou esse noticiário. Liberar é uma questão de oportunidade. O ideal seria ir liberando devagarzinho", observou. Eris confirmou que pediria demissão do seu cargo se os cruzados não fossem liberados a partir de 15 de setembro de 91 e explicou que

**PARA FICAR
EM DIA EM 1991:**

Comprar
Agenda
Tilibra

mente." Somente quando houver uma queda mais pronunciada será possível voltar a pensar na eliminação da indexação na economia — hoje utilizada nos depósitos de poupança, CDBs (certificados de depósito bancário) e na cobrança de impostos.

Avaliação

Eris diz que, "numa avaliação dinâmica", este ano foi positivo. O Brasil, explica, mudou de mentalidade — e todo o esforço é por uma mudança de natureza cultural. Em primeiro lugar, observou, acabou o mito de que a liberação de preços provocaria uma explosão nos preços. Em segundo, a concorrência não deve conviver com a anarquia. Por isso o governo está editando uma legislação antitruste. Em terceiro, "os próprios empresários admitem que a concorrência é difícil mas tem que ser implantada".

— Durante anos, via controle de preços, nós cartelizamos a economia. Hoje há uma mudança cultural. Há uma geração inteira que não sabe o que é concorrência, que o cafezinho muda de preço conforme o bar onde é tomado. Afinal, a abertura da economia "é lenta", porque as pessoas se acostumam ao protecionismo. "Quando vêem uma barreira de chocolate importado, as pessoas ficam arrepiadas. Mas não é bem assim. Dólares são feitos para ser gastos. A abertura melhora a condição de vida do povo. Quem reclama que a manteiga argentina é melhor e mais barata não é o consumidor."